

BELO, André. *História & livro e leitura*. 2. Ed. 1. Reimp. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013. 116 p. (Coleção História &... Reflexões, 3).

Everton Vieira BARBOSA*

A história do livro e da leitura vem ganhando uma atenção significativa em universidades europeias, norte-americanas e da América Latina, com eventos¹ e publicações² que possibilitam um diálogo consistente sobre as transformações que o meio editorial vivenciou e vivencia, com os recursos tecnológicos que foram criados ao longo do tempo, em especial nas últimas décadas.

Neste panorama encontra-se o livro *História & livro e leitura*. Lançado em 2013, ele foi escrito por André Belo, historiador português que atua na Universidade Rennes 2, Paris, França. Trabalhando com temas sobre a história da leitura e da informação, em Portugal nos séculos XVII e XVIII, Belo também pesquisa questões sobre identidade social e testemunho. O contato com a edição digital entre 1997 e 2001 possibilitou ao autor uma maior aproximação e reflexão sobre o livro e a leitura ao longo do tempo.

Com pouco mais de 100 páginas, “este livro é uma reflexão em torno da história do livro” (BELO, 2013, p. 15). Com estas palavras, o autor, em seus “180 mil caracteres”, divididos em três capítulos, busca refletir como este tema vem sendo estudado pelos historiadores, desde sua relação com a edição digital, a evolução da história da história do livro e o seu prolongamento na história da leitura, assim como o diálogo com outras áreas, e por fim os desdobramentos feitos numa perspectiva que supera os discursos tradicionais a respeito do livro impresso e da história moderna europeia, abordando outros territórios, tempos, suportes e meios de comunicação.

No primeiro capítulo, intitulado *Do livro digital ao livro impresso*, Belo inicia sua reflexão mapeando o campo de pesquisa que vem se desenvolvendo sobre a história do livro e da leitura. Para isso, ele destaca as transformações causadas pelo uso do computador e da internet, seja pela mudança no processo de elaboração de um livro, como na diferença das práticas de leitura do impresso para o digital. Porém, ao mesmo tempo em que a prática de leitura digital possibilitou mudanças, como uma liberdade na sequência da leitura, anotações e alterações, também trouxe consigo um sentimento de

* Mestrando em História – Programa de Pós-Graduação em História – Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/Assis) – Av. Dom Antonio, 2100, Parque Universitário, CEP: 19806-900 – Assis, SP, Brasil. Bolsista pelo processo 2013/15555-8 – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). E-mail: semusico@hotmail.com

ameaça em relação ao futuro do livro, além da ideia de diminuição de leitores, influenciada também por outros recursos tecnológicos, como a televisão.

Diante destes apontamentos, o autor volta no tempo para demonstrar que o livro já havia sofrido outro tipo de ameaça, como no século XIX, quando a popularização dos jornais, para alguns, ocasionaria a “morte do livro”.

E sobre a diminuição de leitores, Belo demonstra que, ainda no século XIX, houve uma tentativa de controle de leituras, relatando uma grande quantidade de livros desnecessários. Ironicamente, o autor comenta que, em uma sociedade com poucos alfabetizados, havia uma leitura em excesso, ao contrário da realidade do século XX e XXI, em que o discurso tende a afirmar a grande quantidade de alfabetizados, mas uma diminuição no interesse pela leitura. Tais contradições servem para refletir sobre a complexidade no estudo do livro e da leitura, além de demonstrar que certas premonições, como o “fim do livro” em seu formato tradicional, apenas caracterizam a falta de percepção nas mudanças sociais e culturais que vivemos.

Outro ponto levantado pelo autor, neste capítulo, refere-se às transformações que a imprensa passou e vem passando ao longo dos tempos. Não deixando de atentar para a importância que ela, a partir de Gutenberg, trouxe para a sociedade, Belo acrescenta a necessidade em olhar para outros meios de comunicação que existiam antes e tiveram continuidade com seu surgimento, como é o caso dos manuscritos e da leitura em voz alta. Não pensada na oposição, a “cultura do impresso”, tida por Roger Chartier, deve ser entendida como herdeira do manuscrito e em relação mútua com ela, possibilitando “adotar um olhar de longa duração sobre o livro” (BELO, 2013, p. 25).

Partindo da ideia de que “a palavra “livro” é uma metáfora que usamos para designar um suporte do texto” (BELO, 2013, p. 27), e identificando sua origem como parte de uma árvore utilizada para recebê-lo, o autor amplia sua atenção, ao pensar nos tipos de suportes existentes em diversos tempos e espaços, como no caso das antigas civilizações do Oriente Médio, Mediterrâneo e regiões da Ásia. Nestes lugares, diferente do uso do papel, constatou-se o uso de tabuinhas de argila, tecidos, conchas, cerâmica, marfim e folhas de palmeiras, contribuindo para ampliar a perspectiva no estudo do livro e da leitura. Desta forma, as diversas técnicas utilizadas nesta produção, demonstram as transformações sociais, conforme as necessidades do período, as disponibilidades de materiais, e os modos de leitura, que podem ser estudados numa perspectiva comparativa nos espaços, nas técnicas, nos suportes e nas formas de apropriação do texto, que tanto pode ser lido, como pode ser ouvido.

Após uma reflexão breve e ampla a respeito da história do livro e da leitura, o autor no segundo capítulo, intitulado *O que é a história do livro e da leitura?*, buscou algumas definições para esta disciplina.

Afirmando ser hoje uma área interdisciplinar, o autor expõe que a definição da revista *Book History* sobre a história do livro abrange “toda a história da comunicação escrita” (2013, p. 37). Para Robert Darnton, historiador norte-americano, o objetivo da história do livro está em compreender, através da palavra impressa, como se pensava e agia; porém o autor atenta ser esta uma definição limitada ao “texto impresso”, enquanto Donald Francis McKenzie, bibliógrafo neozelandês, entende que “estudar o passado do livro é estudar o seu conteúdo considerando toda a vasta gama de realidades sociais” (2013, p. 38). Já o *Institut d’Histoire du Livre*, órgão francês ligado ao livro, enxerga a comunicação escrita como o objeto da história do livro.

Com estas definições, o autor demonstra a necessidade de um diálogo interdisciplinar, ao nortear o caminho em que a história da história do livro foi percorrendo ao longo dos séculos, quando o saber bibliográfico tornou-se disciplina em meados do século XIX.

Nesta trajetória, o autor aponta como pontapé inicial a obra *O aparecimento do Livro*, publicada em 1958, inspirada por Lucien Febvre e redigida por Henri-Jean Martin, com o objetivo de mostrar a influência do livro e sua ação cultural ao longo dos trezentos anos de sua existência (2013, p. 43). A importância desta pesquisa não está apenas na evolução do livro enquanto tal, mas explora sua relação enquanto veículo de textos, em diálogo com o meio social em que esteve presente.

Tomando por base este estudo e os que o sucederam, em 1974, “Daniel Roche e Roger Chartier sublinham o papel desempenhado pela metodologia quantitativa” (BELO, 2013, p. 45), servindo, por exemplo, como recurso de indicador social. Assim, um estudo da posse do livro podia abarcar as leituras disponíveis e seu alcance, que podia ser dado pelo empréstimo, pela venda, pelo aluguel ou mesmo pela transmissão oral, identificando as desigualdades e os espaços sociais.

Se a metodologia quantitativa tem estas qualidades, o autor também indica algumas críticas a ela, usando, como exemplo, os estudos dos livros clandestinos feitos por Robert Darnton. Esta pesquisa permite uma revisão da posse de livros, assim como seu acesso entre as diversas camadas sociais, e mesmo a quantidade de impressos que circulavam em determinadas regiões e épocas. Além disso, a investigação quantitativa não dá conta da distância entre o texto e a recepção do mesmo.

Ao compreender que não temos o domínio e o controle sobre a leitura, percebemos que ela “é um objeto de estudo que escapa sempre um pouco do historiador que a quer agarrar” (BELO, 2013, p. 54). Deste modo, para identificar e entender as práticas da leitura são necessários outros métodos, que precisamos nos atentar, como a percepção das poucas marcas deixadas nas fontes, o tipo de discurso, o formato e a organização textual, os controles e os enquadramentos. A imagem é outro ponto que pode ser observado para uma melhor identificação das leituras, assim como as leituras acompanhadas e os espaços onde as mesmas eram realizadas.

Deste modo, o autor regressa ao livro, destacando a necessidade de estudar sua materialidade em relação com os processos sociais que dão sentido à sua produção, transmissão e recepção, associando-o com os demais recursos textuais existentes, neste caso, pensando na história da escrita e os suportes usados. Neste sentido, há a necessidade de uma relação dialética entre o autor, a obra e o público, como meio para superar as distinções existentes e aproximar as diversas áreas que estudam a história do livro e da leitura.

Já o terceiro capítulo, intitulado *Para além do livro impresso*, inicia com a escolha tida pelo autor na historiografia francesa, em que a história da leitura aparece “interessada em estudar o livro como veículo de ideias em relação com a economia e sociedade” (BELO, 2013, p. 71).

Devido à vastidão do campo, Belo reafirma a necessidade de aproximação entre os investigadores das diversas áreas, atentando para as fronteiras e os seus limites atuais, difíceis de definir. As diversas metodologias e correntes hoje nos ajudam a compreender as obras em relação com os mais variados aspectos do mundo social e cultural.

Se estas pesquisas contemplam um diálogo interdisciplinar, o autor também enxerga a necessidade de abolir as fronteiras nacionais, assim como modificar o âmbito geográfico e temporal estudado. Se antes tínhamos a era da imprensa, iniciada por Gutenberg, como período de maior atenção, e regiões da Europa como os espaços de difusão da imprensa e da cultura ocidental, o deslocamento para outras áreas e épocas proporcionará não apenas a ampliação dialógica, mas, também, a percepção de como os diferentes meios de comunicação se desenvolveram nestas sociedades e sua relação direta e indireta com os agentes históricos influenciados culturalmente por estes recursos.

Para atentarmos a estas necessidades, Belo desloca sua atenção aos textos de influência islâmica e judaica em regiões como Oriente Médio, norte da África e também

em regiões da Ásia, pontuando outros suportes que existiram, mesmo durante a época da imprensa, como os manuscritos, cartas, folhetins, partituras musicais, dentre outros. Este deslocamento, como já mencionado, tende a proporcionar um trabalho comparativo, enriquecendo assim a história do livro e da leitura.

Ao pontuar outros suportes textuais, o autor demonstra a importância na ampliação das fontes utilizadas para pesquisa, pois as fontes tradicionais, para o autor, são incompletas e estáticas, se comparadas a outros impressos, como, por exemplo, os folhetos, que percorriam diversos espaços de mão em mão ou afixados em paredes e espaços públicos, ganhando uma maior visibilidade.

Neste sentido, as pesquisas sobre a circulação e a recepção ganham a tarefa de tentar imaginar o que circulou o que o que foi lido para além do que dizem as fontes, ou seja, a posse não determina a leitura. Esta consciência, tida atualmente pelos historiadores e demais pesquisadores, permite repensar este tema.

Quando o autor menciona a necessidade de deslocamento dos estudos, no tempo de Gutenberg e das regiões estudadas, ele também entende a importância em pensar os impressos na contemporaneidade, com as novas dimensões em que as publicações são feitas.

Para pensar um pouco nesta margem de estudo, Belo observa a importância da escolarização e da urbanização na agregação de novos leitores, causando o fim da hegemonia do livro tradicional e o surgimento de novos impressos, para dar conta de atender a esta nova camada.

No caso do Brasil, os estudos sobre o livro didático possibilitam pensar esta nova perspectiva de estudo do livro e da leitura, assim como outros tipos de impressos, que permitem um novo modo de leitura e apropriação do texto, como, por exemplo, um livro de receitas que, devido sua praticidade, torna a leitura não linear.

Para concluir o capítulo, Belo destaca outros recursos que possibilitam uma leitura textual, como exemplo, as imagens. Como defende o autor ao longo do livro, “se a leitura é uma atividade de atribuição de sentidos, então existe também uma leitura dos sentidos transportados pela imagem e pelos recursos que ela dispõe” (BELO, 2013, p. 96). Assim, o autor exemplifica as adaptações textuais de romances para a televisão, englobando, além da imagem, o áudio e, neste caso, os recursos televisivos. Se o texto impresso contempla um público específico, sua adaptação para o meio televisivo possibilita novos públicos.

Assim, o autor entende que devemos estender o olhar a todo tipo de meio de comunicação, como CD-ROMs, DVDs, entre outros, mostrando que “os mais recentes

objetos do historiador do livro e da leitura são, portanto o computador e os arquivos digitais de todo tipo” (2013, p. 99).

Em sua conclusão, o autor demonstra que o livro e o texto não são a mesma coisa, pois existem outros elementos não verbais que dão sentido. Nesta lógica, caminham os estudos da história do livro e da leitura, não tendo o texto como algo abstrato e sem relação com o livro, mas sim em um constante diálogo e sua relação com o meio social.

Por fim, é imprescindível para o pesquisador que adentrar este campo de estudo pensar a relação entre o discurso e a forma, seu conjunto, os significados presentes, a relação interdisciplinar com outras áreas, as circularidades e as apropriações, as interferências textuais de máquinas e outros agentes, como impressores e livreiros, as comparações com os diversos meios de comunicação, seja em períodos e espaços próximos ou distantes, e, por fim, sua relação com o meio econômico, político, social e cultural em que foi criado. Estas reflexões, que se constituíram em 180 mil caracteres do livro e pouco mais de 14 mil caracteres desta resenha, nos permitiram refletir e dar continuidade aos estudos sobre a história do livro e da leitura.

Referências

ABREU, Márcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 2000.

BELO, André. *História & livro e leitura*. 2. Ed. 1. Reimp. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

FURTADO, José Afonso. *O papel e o pixel: do impresso ao digital – continuidades e transformações*. Florianópolis: Escritório do Livro, 2006.

Notas

¹ O autor destaca como eventos interdisciplinares no Brasil o I e o II Congresso de História do Livro e da leitura do Brasil, respectivamente nos anos de 1998 e 2003, e em Portugal o Gabinete Interdisciplinar sobre o Livro e a Leitura.

² Dentre as sugestões de leituras feitas pelo autor, destaco Furtado (2006) e Marcia Abreu (2000).

Resenha recebida em: 20/10/2014. Aprovada em: 01/12/2014.